

Psicodrama e relações étnico-raciais

Diálogos e reflexões

Maria Célia Malaquias (org.)



PSICODRAMA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Diálogos e reflexões

Copyright © 2020 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Campos**

Coordenação editorial, projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Capa: **Alberto Mateus**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Prefácio – Psicodrama como arma de combate ao racismo | 7 |
| <i>Flávio Carrança</i> | |
| Introdução | 13 |
| 1. O Teatro Experimental do Negro: berço do psicodrama no Brasil | 17 |
| <i>Elisa Larkin Nascimento</i> | |
| 2. A declaração final do I Congresso do Negro Brasileiro | 29 |
| <i>Maria Célia Malaquias</i> | |
| 3. Escritos diversos em torno do psicodrama. | 35 |
| <i>Alberto Guerreiro Ramos</i> | |
| 4. Psicodrama e negritude no Brasil | 57 |
| <i>Maria Célia Malaquias</i> | |
| 5. O grito de Narciso | 83 |
| <i>Dalmiro Manuel Bustos</i> | |
| 6. Negritude | 93 |
| <i>Sergio Perazzo</i> | |

| | |
|---|-----|
| 7. Reflexões sobre o “complexo de vira-lata” do brasileiro: uma perspectiva psicodramática | 99 |
| <i>Denise Silva Nonoya</i> | |
| 8. Racismo existe? Um encontro com o psicodrama por meio do jornal vivo | 127 |
| <i>Lúcio Guilherme Ferracini</i> | |
| 9. O processo de inclusão racial – Uma pesquisa com sociodrama | 143 |
| <i>Maria da Penha Nery</i> | |
| 10. Desculpas interculturais: será possível reparar erros do passado no presente? | 157 |
| <i>Rosa Cukier</i> | |
| 11. Abayodrama: criar, recriar, transformar | 173 |
| <i>Maria Célia Malaquias, Ermelinda Marçal e Adriana Cristina Dellagiustina</i> | |
| 12. Ressonâncias compartilhadas | 195 |
| <i>Maria Célia Malaquias</i> | |

Prefácio – Psicodrama como arma de combate ao racismo

Flavio Carrança

Conheci Maria Célia Malaquias na Casa Mário de Andrade, no bairro da Barra Funda, em São Paulo, em 12 de agosto de 2017, durante o lançamento de uma importante coletânea publicada pela editora Perspectiva, *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*, da qual ela é uma das autoras.

Penso em Maria Célia como uma mulher negra, psicóloga e psicodramatista, que dá continuidade ao que talvez possa se chamar de uma recém-criada tradição de intelectuais negros que usam o conhecimento adquirido nos campos da psicologia, da psiquiatria, da psicanálise e do psicodrama para confrontar o racismo e seus efeitos perversos na psique de homens e mulheres de todas as raças, porém com ênfase em mitigar o sofrimento e outras dificuldades que esse fenômeno provoca na vida das pessoas negras.

Devo dizer desde já que a intenção aqui não é fazer um estudo acadêmico sobre um tema que não domino em profundidade, até porque não sou acadêmico. Pretendo apenas dar uma ideia ao leitor de quem sou e de como conheci a organizadora deste livro, além de comentar as informações que juntei nas leituras que fiz ao longo de anos sobre o tema dos efeitos psicológicos do racismo e também minhas impressões a respeito do assunto que resultou no conjunto de textos que formam esta coletânea.

Penso que a tradição a que me referia anteriormente tem seu ponto de partida na presença precursora do psiquiatra negro Juliano Moreira, considerado por muitos o fundador da disciplina psiquiátrica no Brasil e também pioneiro no uso da psicanálise. Um artigo sobre ele que me chamou a atenção foi escrito por Ana Maria Martini Oda e

Paulo Dalgalarro (2000). Nele, os autores realçam sua explícita discordância com relação aos pensadores que atribuíam a degeneração do povo brasileiro à mestiçagem.

Também me chamou a atenção a trajetória da socióloga e psicanalista Virginia Leone Bicudo, que eu sabia ter participado, nos anos 1940 e 1950, de um projeto organizado pela Unesco sobre relações raciais no Brasil, mas só muito tempo depois descobri que se tratava de uma mulher negra. Lendo sobre Bicudo, descobri uma mestiça afro-descendente que conta ter decidido estudar sociologia para acertar as contas com uma infância marcada por episódios de discriminação racial. Apesar da importância de seus estudos sobre o racismo e de seu papel central tanto na difusão quanto na institucionalização da psicanálise no Brasil, ela não se aprofundou no estudo dos efeitos psicológicos do racismo sobre negras e negros.

Esse tema, no entanto, ocupou lugar central nas preocupações do Teatro Experimental do Negro (TEN), sendo objeto de uma ação concreta com o uso pioneiro da técnica desenvolvida por Jacob Levy Moreno, no trabalho desbravador de grupoterapia desenvolvido por Guerreiro Ramos, iniciativa que será bastante esmiuçada ao longo desta obra.

No campo da psicanálise, esse debate sobre os efeitos psicológicos do racismo sobre a população negra me parece ter sido inaugurado no Brasil por Neusa Santos Souza. Acredito não haver muita originalidade em dizer que foi justamente por meio da leitura do mais conhecido texto da autora (Souza, 1983) que pela primeira vez tomei contato com uma reflexão teórica sobre os efeitos psicológicos do racismo.

Em 1980 ou 1981, quando era militante do Movimento Negro Unificado (MNU), em São Paulo, na sede da organização – uma sala na parte mais baixa de um cortiço no número 450 da rua Almirante Marques Leão, no Bixiga –, recebi de uma companheira que atuava no núcleo de mulheres da organização uma fotocópia (que ainda guardo comigo) da recém-aprovada dissertação de mestrado de Neusa, intitulada *Tornar-se negro, ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, texto que em 1983 seria lançado em livro pela Edições Graal. A leitura dessa obra me causou forte impressão.

Bem mais tarde, tomei conhecimento dos textos de Isildinha Batista Nogueira (1998) e José Thiago Reis Filho (1995) e particularmente do caderno *Os efeitos psicossociais do racismo*, do Instituto Amma Psíquê e Negritude.

Faço referência a esses autores e obras para reafirmar que há tempos me interesse pela questão dos efeitos psicológicos do racismo, o que significa que, mesmo não sendo especialista, o assunto não me é totalmente estranho, até porque sou uma pessoa que, como tantas outras, viveu e vive as consequências do racismo na vida emocional. Devo dizer, a bem da verdade, que durante muito tempo pensei que os episódios de racismo ocorridos na minha vida eram fatos excepcionais, até que há relativamente pouco tempo uma crise de depressão me obrigou a mergulhar em abismos interiores e confrontar os demônios que neles habitam.

Por falar em grupos, eu já tinha ouvido falar a respeito do psicodrama e até lido, faz anos, um livro sobre o assunto (Milan, 1976), mas tinha apenas uma vaga ideia de como funcionava essa abordagem até Maria Célia Malaquias me convidar para ajudá-la a preparar alguns dos textos que integram este livro. As conversas com ela e a leitura do material me fizeram entender melhor em que consiste esse tipo de terapia e de que maneira pode ser utilizada como instrumento para mitigar, entre outras questões, a dor e o sofrimento causados pelo racismo. Também foi importante, nesse sentido, participar de uma sessão aberta de psicodrama, dirigida por Luís Russo e organizada pelo Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento, realizada no início de abril de 2018 em São Paulo.

Foi com a leitura dos artigos enviados por Maria Célia que entendi a importância e o pioneirismo das experiências de grupoterapia desenvolvidas por Guerreiro Ramos, sobre as quais tinha lido na edição em *fac-símile* do jornal *Quilombo* – porém sem dar muita importância –, como parte das atividades do Instituto Nacional do Negro, o departamento de estudos e pesquisas do TEN. E foi também com base nessas leituras que descobri a existência dos textos de J. L. Moreno sobre a questão racial nos Estados Unidos, os quais, por sua vez, como pude perceber, eram consequência do envolvimento prático do

criador do psicodrama com pessoas envolvidas no problema racial norte-americano.

Como nesses textos de Moreno, nos escritos de Guerreiro Ramos sobre a grupoterapia e em vários artigos de outros profissionais dessa área o que senti e entendi durante a leitura desta coletânea foi a existência de uma disposição por parte dos profissionais que dela participam para, com as armas disponíveis dentro dessa técnica e do campo teórico pelo qual optaram, aperfeiçoar e fazer avançar o combate aos graves efeitos do racismo na vida emocional de homens e mulheres negras(os) e não negras(os).

Na monografia que escreveu para obter o título de psicodramatista didata supervisora na Sociedade de Psicodrama de São Paulo (Sopsp), Maria Célia Malaquias conta que, no tempo em que fazia graduação em Psicologia, entre o fim dos anos 1970 e início dos 1980, defrontou nos espaços acadêmicos com “uma carência de interlocutores que pudessem compreender as questões emocionais que envolviam uma parcela significativa de homens e mulheres negros [...] quanto ao significado de ser negro na sociedade brasileira” (Malaquias, 2004).

Nesse período, marcado pela reorganização e reafirmação do movimento negro brasileiro, ela participava de reuniões com diversos grupos, mas mesmo aí constatava uma dificuldade de compreensão da ideia de que, além da luta por inserção do negro por meio da conquista de espaços na sociedade brasileira, “era necessária também a conquista dos espaços internos, no sentido que percebíamos a necessidade de cuidar das dores emocionais provocadas por situações de preconceito e de discriminação, que estavam presentes no cotidiano das relações entre negros e não negros, quer no passado, quer na atualidade” (Malaquias, 2004).

Formada em Psicodrama e com significativa experiência profissional como psicóloga clínica, tendo atuado ainda na formação de professores do ensino fundamental, médio e universitário e com participação intensa em congressos de psicodrama e grupos de estudos, Maria Célia começou a sentir o desejo de trazer para o contexto sociodramático algumas das questões referentes à história do negro no Brasil. No

XI Congresso Brasileiro de Psicodrama, ocorrido em 1998, ela participou pela primeira vez de uma atividade em um congresso de psicodrama dirigida por um psicodramatista negro, o baiano Paulo Amado. Em 1999, durante o II Congresso Ibero-Americano de Psicodrama, realizado em Águas de São Pedro, estreou, novamente em parceria com Amado, como diretora do sociodrama “Psicodrama e a subjetividade palmarina: da senzala a Palmares”.

Depois disso, passou a dirigir ou a participar como ego-auxiliar em sociodramas com temáticas étnico-raciais em diversos congressos e nos mais variados espaços da capital paulista, dirigindo públicos acadêmicos e não acadêmicos de regiões centrais, periféricas e também da Grande São Paulo, às vezes com presença predominante de negros e negras e outras com maior participação de brancos ou não negros.

Trata-se de uma trajetória – como preconizado por Moreno – pautada pela busca de um ser humano essencialmente espontâneo e criativo e que, quando pertencente à etnia negra, busque tornar realidade o direito de ser tratado como pessoa, uma vez que a tradição histórica herdada do escravismo é a de lidar com a negra e o negro como se fossem “coisas”.

É Malaquias (2016) quem afirma que tanto na psicologia quanto no psicodrama ainda há muito que pesquisar, refletir e compreender sobre o tema do racismo. Para mim, a vivência da sessão aberta de psicodrama da qual participei no Daimon, os relatos de Maria Célia sobre os psicodramas, sociodramas e etnodramas que dirigiu e seus resultados, além do consistente conjunto de artigos reunidos neste volume, mostram que a teoria e a técnica desenvolvidas por J. L. Moreno e aprimoradas pelos seus inúmeros seguidores constituem ferramentas eficazes de combate aos efeitos do racismo e que a pesquisa e a reflexão necessárias para uma compreensão mais aprofundada desse tema estão em andamento.

REFERÊNCIAS

BICUDO, Virginia Leone. [1945]. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. Org. Marcos Chor Maio. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.

- KON, Noemi Moritz. “À guisa de apresentação: por uma psicanálise brasileira”. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- MALAUQUIAS, Maria Célia. *Revisitando a africanidade brasileira: do Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento ao protocolo “Problema negro-branco”, de Moreno*. Monografia – Sociedade de Psicodrama de São Paulo, São Paulo, 2004.
- _____. *et al.* “Psicodrama e relações raciais”. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 24, n. 2, 2016, p. 91.
- MILAN, Betty. *O jogo do esconderijo: terapia em questão*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- NOGUEIRA, Isildinha Batista. *Significações do corpo negro*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 1998.
- ODA, Ana Maria Galdini R.; DALGALARRONDO, Paulo. “Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 22, n. 4, 2000.
- QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro*. Edição em fac-símile do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2003
- REIS FILHO, José Thiago. *Ninguém atravessa o arco-íris: um estudo sobre negros*. Dissertação (mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), 1995.
- SILVA, Ana Maria *et al.* *Os efeitos psicossociais do racismo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Amma Psique e Negritude, 2008. Disponível em: <<http://www.ammapsique.org.br/baixex/Os-efeitos-psicossociais-do-racismo.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro, ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Graal, 1983.

Introdução

Há muito eu alimento o sonho de convidar colegas do psicodrama para pensarmos nas possibilidades do método de contribuir com seu referencial teórico e prático para a temática das relações raciais no Brasil. Embora a pesquisa realizada por mim (Malaquias, 2004) tenha informado o movimento psicodramático brasileiro sobre o trabalho pioneiro de Alberto Guerreiro Ramos, de 1949, constato que ainda há pouco conhecimento – em alguns casos, total desconhecimento – sobre a vivência de uma parcela significativa de homens e mulheres negros.

Não se trata de pensar um psicodrama para negros, mas de questionar em que medida o cotidiano das relações raciais aparece no contexto de nossa prática, na clínica, na escola, nas empresas, nas diversas instituições. Caso esse fato nunca nos tenha ocorrido, há de se estranhar, visto que estamos num país de maioria negra. Por que não aparecem?

Pois bem, o referido sonho começou a caminhar para a concretização no XX Congresso Brasileiro de Psicodrama, que aconteceu na cidade de São Paulo, em abril de 2016, com o tema “Soluções para tempos de crise”. Entendi ser um contexto propício para refletir sobre as relações raciais. Desde 1999, tenho participado de quase todos os congressos nacionais, além de alguns internacionais, de psicodrama, onde apresento trabalhos sobre a temática das relações raciais, sendo a maioria vivências. Nesse XX Congresso, quis dialogar com colegas por meio da mesa-redonda “Psicodrama e relações raciais”, que organizei. Para discutir tal temática, convidei os colegas Antônio Carlos M. Cesarino, Denise Silva Nonoya e Maria da Penha Nery.

Houve um relevante interesse do público presente, que se envolveu intensamente com perguntas, comentários, compartilhamentos.

Após esse momento, propus escrevermos um artigo com as impressões de seis colegas psicodramatistas que estiveram presentes na apresentação. O artigo foi publicado parcialmente na *Revista Brasileira de Psicodrama*, volume 24, número 2, de 2016. Esse artigo, escrito a várias mãos, foi um dos passos dados para que eu elaborasse o projeto desta coletânea.

Convidei para ser colaboradores colegas e amigos de longa data, todos psicodramatistas reconhecidos em suas áreas de atuação. Além de excelentes profissionais, são, sobretudo, pessoas sensíveis à temática das relações raciais, com as quais tenho compartilhado muitas das minhas angústias diante dos sofrimentos psíquicos com que tenho deparado na vida tanto pessoal quanto profissional. Daí o desafio de coconstruirmos o presente livro.

Estamos acompanhados da psicóloga e mestre em Ciências Sociais Elisa Larkin Nascimento, diretora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro). Elisa é viúva de Abdias Nascimento e contextualiza o surgimento do Teatro Experimental do Negro, a criação do Instituto Nacional do Negro e o trabalho pioneiro de Alberto Guerreiro Ramos, possível *locus nascendi* do psicodrama brasileiro. Reconhecida pelo seu trabalho de décadas de lutas antirracistas, e também como pesquisadora e escritora, Elisa, com sua presença nesta obra, me deixa honrada e agradecida.

Fiz os convites e, de prontidão, todos responderam positivamente. Estávamos em outubro de 2016 quando me lancei como organizadora do livro, papel nunca vivido por mim. Minha experiência até então era como coautora de alguns livros, quando, como de praxe, me solicitavam um texto sobre certa temática, que deveria ser entregue dentro de determinado prazo. Esta era a minha expectativa: aceito e definido o prazo de entrega, seria preciso apenas aguardar. Não foi bem assim. Recebi um capítulo um mês antes da data solicitada, e semanas depois mais alguns entregaram seus textos, enquanto outros, lamentavelmente, desistiram de participar do projeto. Ajustes no cronograma foram necessários. Muitas conversas com autores. Um processo longo e de grande aprendizado.

Não é fácil pesquisar, refletir e escrever sobre esse tema. Ao fazê-lo, somos atravessados, surpreendidos por emoções desconhecidas, muitas vezes incômodas. As interlocuções são intensas, não apenas com os autores pesquisados, mas sobretudo com o ato de revisitar nossas histórias, nossas famílias, a descoberta daquele familiar que estava esquecido, aquelas histórias que até então não eram entendidas e de repente parecem fazer emergir o nosso lado (todo?) negro.

Entendo que esse processo, que nos leva “sem querer” ao encontro de nós mesmos(as), caminha num outro tempo, não cronológico; daí um dos impedimentos de, mesmo querendo escrever, sistematizar os pensamentos. Ou seja, “é preciso dar tempo ao tempo”.

Quando me refiro a relações étnico-raciais, penso na perspectiva de estudiosos que as consideram algo que diz respeito a todas as pessoas. No Brasil, temos uma tendência a pensar automaticamente que relações étnico-raciais dizem respeito exclusivamente ao negro. Não é assim. É relacional e, portanto, todos estão imbricados. Dada a forma de como se constituiu o povo brasileiro, originalmente a partir de uma maioria de negros escravizados por brancos, o foco está nas relações entre negros e não negros, como se deram e se dão essas relações. Não se trata de contrapor um ao outro, mas de colocar em evidência a maneira como a história se fez e suas decorrências para as relações entre negros e não negros no Brasil.

No psicodrama, ciência desenvolvida pelo psiquiatra Jacob Levy Moreno, atuamos na modalidade de pesquisa/ação, em que é testada a aplicabilidade de um método. Como nos ensina Wilson Castello de Almeida (1994, p. 56): “Método, sabemos todos, é caminho, é modo de movimentar, é jeito, estilo e é inspiração”. O método possibilita ao diretor e a todos os envolvidos, por meio da leitura grupal, diagnosticar e nomear aquilo de que o grupo precisa, a fim de coconstruir soluções possíveis.

Os trabalhos que tenho realizado ao longo de mais de duas décadas de atuação apontam que ainda temos pouco conhecimento da história das relações étnico raciais no Brasil. Temos pouca noção das diferenças étnicas. Como brasileiros, estamos mergulhados numa cultura que nos coloca como mais-valia o branco, e as relações são pautadas nesta

perspectiva: quanto mais semelhante ao branco, melhor. Ao negro é reservado um lugar inferior. É necessário conhecer, compreender, para pensar uma atuação profissional com e para as pessoas.

Empenhamo-nos em registrar neste livro os diálogos construídos com os autores nos últimos dois anos. Com muitas descobertas e dúvidas, vivemos nesse processo de ensinar e aprender. Temos ciência de que só estamos começando. Há muito a ser feito. Mas essa foi a porta que conseguimos abrir e, com isso, muitos outros estão chegando. Estou feliz. Iniciei esta caminhada, no psicodrama, com o amigo Paulo Amado, a quem agradeço pelos importantes primeiros passos e por continuar me acompanhando a distância. Este livro concretiza que um sonhar junto faz esse sonho virar realidade.

Minha gratidão às/aos colegas que me acompanharam nesta aventura. Que se desdobraaram – e muito – para contribuir com este projeto: Adriana Dellagiustina, Dalmiro M. Bustos, Denise Silva Nonoya, Ermelinda Marçal, Lúcio Guilherme Ferracini, Maria da Penha Nery, Rosa Cukier e Sergio Perazzo.

Muito obrigada aos colegas que se dispuseram a compartilhar suas vivências ao participar da mesa-redonda “Psicodrama e relações raciais”: Camila D’Avila Moura, Davison Willians Salemme, Ermelinda Marçal, Jéssica Daiana de Oliveira, Pedro Mascarenhas e Sergio Eduardo Serrano Vieira.

Ao Ronaldo Pamplona, meus profundos agradecimentos pelas trocas e pelas sugestões.

Ao Flávio Carrança, agradeço pelas leituras atentas e pelas sugestões pautadas nas suas vivências como jornalista e participante ativo no movimento negro e pelo prefácio.

Meu profundo agradecimento à minha família, aos pacientes, clientes, alunos, supervisionandos e colegas.

Espero que a leitura traga reflexões e desperte o interesse para novas contribuições sobre o tema, em especial no movimento psicodramático brasileiro. Boa leitura!

1. O Teatro Experimental do Negro: berço do psicodrama no Brasil

Elisa Larkin Nascimento

INTRODUÇÃO

A primeira notícia do psicodrama no Brasil surge com o Teatro Experimental do Negro (TEN), no Rio de Janeiro, na década de 1940. O psicodrama emerge, então, do interior do movimento social de combate ao racismo. Esse fato pode ser considerado um paradoxo, uma vez que o psicodrama é uma teoria e proposta de ação terapêutica racialmente neutra, pensada e desenvolvida para todos, independentemente da cor. Creio que o contrário se revela, entretanto, quando reconhecemos o racismo como anomalia que afeta a vida de todas as pessoas. Creio, ainda, que o terreno do combate ao racismo seja dos mais férteis para a compreensão da inter-relação entre o social e o psicológico. Foi esse o campo de atuação do TEN com seu projeto de psicodrama.

Precisamos aqui afirmar cientificamente: “raça” não é um fenômeno genético-biológico, mas uma construção social cuja dinâmica opera em função do fenótipo socialmente interpretado. Constituído nas relações interpessoais que compõem a interação social, o racismo exerce profundo efeito na subjetividade individual. Assim, parece evidente a relevância do psicodrama para a subjetividade das relações raciais. Se houver um paradoxo no fato histórico de o psicodrama nascer no meio social do combate ao racismo, ele residirá na tendência de subestimar o fenômeno psicossocial do racismo e de apagar o protagonismo de agentes históricos negros. A psicologia não escapa dessa tendência, como testemunha a longa trajetória de ausência de escuta ou de distorção da voz, da escuta e da subjetividade negras na disciplina (Nascimento, 2003). O verdadeiro paradoxo se situa, a meu ver, no fato de a atuação dos artistas e intelectuais negros que propiciaram os primeiros passos do psicodrama